

ABA 2008

[GT 41 - Articulações entre Gênero, Sexualidade, Raça e Classe na Antropologia](#)

Coordenador: Zulmira Newlands Borges (UFSM) , Jaqueline Ferreira (FIOCRUZ)

**SEXUALIDADE, GÊNERO, CLASSE E COR EM ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE
HOMOERÓTICA JUVENIL CARIOCA¹**

Simone Monteiro, Eliane Vargas & Fátima Cecchetto.

(LEAS, Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz - RJ, Brazil)

RESUMO

Neste trabalho analisamos as interações afetivo/sexuais de rapazes e moças com práticas homoeróticas, em contextos urbanos de sociabilidade, a partir do recorte de gênero, cor e classe. O estudo integra o projeto “Relações entre raça, sexualidade e gênero em distintos contextos nacionais e locais” sobre a trajetória biográfica de jovens de 18 a 26 anos. Coordenado internacionalmente pelo CLAM/UERJ-USP-CEBRAP, o projeto abrange seis cidades, mas o presente trabalho, coordenado pelo Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, refere-se apenas à pesquisa realizada no Rio. A reflexão tem por base a observação etnográfica de circuitos de entretenimento juvenil em dois bairros do Rio e entrevistas com rapazes e moças com práticas homossexuais, de diferentes cores/raça e classes sociais, selecionados nos espaços observados. Tendo por base as interações da equipe com os frequentadores dos locais de sociabilidade, discutimos os desafios que caracterizam o fazer antropológico em espaços com intensa interação sexual. Analisamos ainda as dinâmicas da circulação espacial dos jovens e as suas motivações para as interações afetivo-sexuais, bem como os modos de expressão das identidades sociais/sexuais e das práticas sexuais juvenis. Ressaltamos que estudos sobre o aprendizado da sexualidade e suas conformações específicas entre os grupos sociais, a partir do recorte de gênero, cor e classe, podem contribuir para a identificação de potenciais situações de vulnerabilidade às DST/Aids no universo juvenil.

Palavras chaves: homossexualidade; identidade; sociabilidade juvenil

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

TRABALHO COMPLETO

Este trabalho objetiva analisar expressões das identidades sexuais de um grupo de jovens, a partir de um estudo etnográfico em contextos de sociabilidade homoerótica do Rio de Janeiro². A reflexão é norteadada pela concepção da sexualidade como uma construção social datada, caracterizada pela diversidade das manifestações culturais no exercício da atividade sexual. O conceito de identidade sexual ganhou sentido e relevância histórica a partir do lugar que a sexualidade passou a ocupar na cultura ocidental moderna (Foucault, 1985). Essa discussão tem norteadado a realização de estudos na área das ciências sociais acerca da construção social das identidades sexuais no contexto nacional (Fry, 1982; Perlonguer, 1987; Parker, 1991; Heilborn, 1996; Guimarães, 2004; Cárceres, 2005; Facchini & Barbosa, 2006). Tais trabalhos revelam que na construção das identidades sexuais há variações nos modos de apresentação de uma imagem de si pelos indivíduos em contextos específicos. Para alguns, a identidade social e seus modos de apresentação não se assentam exclusivamente na experiência da sexualidade. Para outros, esta dimensão ocupa um lugar central na identificação dos sujeitos, expressa na percepção e definição de sua orientação sexual e no agenciamento de tal referência em contextos privados e públicos, como no caso dos militantes do movimento GLBT. Isto significa dizer que não existe uma correspondência direta entre práticas sexuais e identidade sexual.

Em termos de **estratégias metodológicas**, foram realizadas observação etnográfica das interações afetivo-sexuais em contextos de sociabilidade juvenil noturno de dois bairros da cidade do Rio de Janeiro, Madureira e Lapa, num período de quatro meses com idas semanais ao campo e entrevistas em profundidade com 12 jovens auto definidos homo ou bi.

O bairro de **Madureira** é classificado socialmente como subúrbio por estar a 50 min do Centro. A importância do bairro como centro de vida noturna em relação ao entorno pode ser debitada à sociabilidade fortemente associada à música (samba, jongo, pagode, funk, hip hop,

² O trabalho integra um projeto mais amplo, denominado *Relations among "race", sexuality and gender in different local and national contexts*. O projeto Relations among "race", sexuality and gender in different local and national contexts foi elaborado originalmente por Laura Moutinho, Omar Ribeiro Thomaz, Cathy Cohen, Simone Monteiro, Rafael Diaz and Elaine Salo. A pesquisa está sendo realizada por nove centros de pesquisa: USP (São Paulo), CLAM/IMS/UERJ (Rio de Janeiro), CEBRAP(São Paulo), IOC/FIOCRUZ (Rio de Janeiro), SFSU/CRGS (San Francisco), Center for the Study of Race, Politics and Culture (Chicago), AGI/UCT (Cape Town), WITS e OUT (Johannesburgo). O grupo de pesquisadores compreende Laura Moutinho (Coordenação geral), Simone Monteiro (coordenação Rio de Janeiro), Júlio Simões (coordenação São Paulo), Elaine Salo (coordenação Cidade do Cabo), Brigitte Bagnol (coordenação Johannesburg), Cathy Cohen (coordenação Chicago) e Jessica Fields (coordenação São Francisco). A pesquisa é financiada pela Fundação Ford e conta com o apoio do CNPq.

charme). A maior parte dos freqüentadores da vida noturna é das classes populares, oriundos do bairro e dos arredores, tendo sido classificados pelos pesquisadores como parda e preta.

A **Lapa**, localizada no centro da cidade, é reconhecida como um dos bairros cariocas mais tradicionais em termos de boemia e lazer noturno, recebendo um público de diversas classes sociais e localidades. Há teatros, bares, restaurantes e casas noturnas com estilos musicais e públicos muito diversos. Uma característica marcante do bairro refere-se à convivência de diversos estilos juvenis.

A partir das relações estabelecidas pela equipe durante o trabalho de campo em Madureira e na Lapa, foram contatados seis mulheres e seis homens, de 18 a 26 anos, freqüentadores desses espaços, que declararam práticas homoeróticas. Entre as entrevistadas, uma se auto-definiu como “homossexual”, outra como “entendida” e quatro usaram a categoria “bissexual”, havendo algumas especificações, como “bissexual mais para homo” e “bi com preferência por meninas”. Entre os homens, um se auto-denominou “homossexual” e cinco como “gay”; sendo que dois, além de “gay”, citaram “entendido” e “homossexual”. Essas auto-denominações atestam a amplitude das categorias utilizadas para além das categorias homo e bissexual. Tais categorias identitárias apresentam sentidos variados, conforme argumenta o estudo de Guimarães (2004), sobre o uso do termo “entendido” no circuito gay carioca das camadas médias nos anos 1980. Ainda nessa direção, Facchini & Barbosa (2006) discutem a conotação política do termo “lésbica” dentro do movimento social de afirmação de uma identidade sexual.

Os termos utilizados na auto-classificação da cor/raça (aberta) dos jovens entrevistados revelam a presença de termos variados (*negro, branco, mestiço, tudo, moreno, chocolate claro, pardo*). A comparação de tais categorias como os termos do IBGE, sugere a afirmação dos termos *branco* e *negro*, a recusa ao termo *preto* e a maior variação das categorias intermediárias. (Maio et al, 2005).

Os dados relatados nas entrevistas sobre escolaridade, renda familiar, inserção no mercado de trabalho e local moradia, sugerem que aqueles jovens encontrados na Lapa apresentam melhores condições de vida quando comparados aos de Madureira.

A equipe de campo foi constituída por estudantes de graduação e pós graduação, sendo sete mulheres e três homens de diferentes cores/raças, orientação sexual e local de moradia, configurando um grupo heterogeneo. Os padrões de aproximação dos integrantes da equipe com o universo de jovens nos circuitos de sociabilidade foram influenciados por marcadores sociais de gênero, geração, cor/raça e orientação sexual. Dependendo do espaço, um ou outro membro da equipe teve maior ou menor sucesso na interação. Tais aspectos orientaram a movimentação da

equipe no campo. Nas interações uma questão recorrente era a negociação em torno do momento da explicitação da identidade de pesquisador e, principalmente, da sua orientação sexual, em função das perguntas dos frequentadores nesta direção. Os casos de assédio também não foram incomuns. A marca geracional, por vezes, funcionou como um complicador, sobretudo dentre os mais jovens da equipe.

Em termos da classificação local da cor, nos dois circuitos (Lapa e Madureira) adota-se o sistema classificatório múltiplo, indicando o uso ainda restrito de um modo de classificação bipolar (branco X negro). O termo *negro* é mais usado na Lapa e parece associar-se a uma valorização estética da chamada “negritude”. Não podemos dizer que tal postura revele a adesão ao ideário político encontrada em grupos do movimento social negro e nas recentes políticas de recorte racial, caracterizados pela afirmação de uma identidade racial, mas resulta, em parte, dessas ações e da visibilidade que as relações raciais adquiriram no cenário nacional nos anos recentes.

O envolvimento intersubjetivo característico da pesquisa etnográfica pode ser ilustrado pelo caráter auto-reflexivo dos relatos de campo dos pesquisadores em relação a: como se comportar frente às demandas dos informantes para vínculos de amizade e/ou erótico-afetivo e a influência da sua cor na interação e na percepção da cor/raça dos frequentadores dos contextos de sociabilidade. A proximidade com o círculo de amigos que frequentavam o mesmo ambiente, também foi problematizada por facilitar o acesso, mas deixá-los “mais expostos” e com maior dificuldade de ter um estranhamento devido a familiaridade com o grupo estudado (Velho, 1978). A heterogeneidade da equipe permitiu que tais temas fossem compartilhados e debatidos entre os pesquisadores durante a pesquisa e incorporados na análise dos dados.

DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO NOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

O espaço GLBT de **Madureira** é um evento que ocorre em um espaço público, aberto e gratuito, isto é numa rua, próxima à estação de trem. A “Rua”, denominada assim pelos seus frequentadores, se destaca por uma sociabilidade juvenil, onde gay e lésbicas se encontram para paquerar, namorar e dançar. Para além da “Rua”, os entrevistados dizem frequentar outros pontos do circuito GLBT no centro e na Zona Sul e lugares “heteros” (categoria nativa), considerados como “caretas” e definidos como “um lugar normal, sem gays”. As variações no modo de circulação entre os espaços de sociabilidade são definidas em função das motivações para as interações afetivo-sexuais (ex, paquera, “pegação”, busca de sexo, etc..) e para o convívio com a rede de amigos. Nesses contextos marcados por uma pluralidade de opções em termos de tipo de

música (funk, tecno, charme) e ambientes (hetero, homo, misto), os jovens combinam suas preferências e consomem bens na montagem dos estilos, que nem sempre significam dispêndio financeiro.

Segundo os jovens entrevistados, a **Lapa** se traduz como o lugar da diversidade, não só de orientação sexual, mas de estilos musicais e nível socioeconômico. Um informante afirmou: “ali tem de tudo”. Na observação dos pesquisadores, uma parcela do público gay, que frequenta o circuito GLBT da Zona Sul e Oeste da cidade, parece ir ao bairro da Lapa eventualmente, na busca de uma variação. Todavia, há espaços marcadamente de interação homoerótica como as boates Cine Ideal e Cabaret Casanova, frequentadas por homens de classes baixa e média baixa. As manifestações homo-afetivas nas ruas foram raras e pontuais. Conforme indicado em outros estudos (Lacombe, 2005), não foram localizadas ruas ou bares com concentração de homossociabilidade feminina, o que limitou as interações da equipe com esse universo. Na Lapa predominam circuitos mais heterossexuais ou mistos (homo, bi e hetero), nos quais as fronteiras centradas na orientação sexual são menos marcadas, sugerindo uma maior indefinição das marcas identitárias sexuais. A tendência à indiferenciação dos espaços relacionada à não caracterização de uma rede ou “grupo fixo” foi expressa pela afirmação: “É porque a gente não tem um reduto gay”, conforme relata uma entrevistada da Lapa, auto-definida como bissexual e *Negra*.

Aproximações e contrastes entre os diferentes contextos

A percepção de certa permeabilidade entre as fronteiras dos espaços “heteros” e “gays, embora menos recorrente, também foi observada em Madureira. Um rapaz, auto-definido como gay e moreno, que gosta de frequentar o Baile Charme, explicou “Não é que eu goste mais, é que eu tenho mais afinidade (...) Embora seja uma coisa que a princípio não seria feita para mim, já que eu sou gay (...), já que lá não posso me expressar, (...), mas eu me identifico (...) acho que pela questão do som, também”.

Demais relatos revelam variações em termos dos fatores que definem a maior ou menor circulação dos jovens nos espaços marcadamente “hetero” ou “gay”, conforme ilustra o depoimento de uma jovem de Madureira, auto-definida como bissexual e *morena*. Ela informou que vai a lugares “heteros” (como Olimpo, luau na Zona Sul, praia) acompanhadas dos amigos heteros, pois eles não frequentam os lugares “gays”. Os lugares GLBT ela vai com o “pessoal homossexual”. Em função das críticas das suas amigas “lésbicas” a assunção de uma identidade bissexual, ela afirma que precisa ter “duas caras, apesar de não gostar (...); tenho que mentir”. De forma contrastiva, a indicação de uma rejeição da identidade bi dentro de um círculo de

convivialidade lésbica, não foi observada nos relatos das demais jovens, recrutadas na Lapa, que se declararam bi. Elas dizem não possuir uma rede bem-estabelecida de amigas lésbicas; prevalece na socialização o convívio com grupos de amigos mistos (homo, bi, hetero), em geral, universitários.

Outro fator que determina uma maior ou menor incursão na noite é a idéia de “fases”, que comporta uma variação ligada ao tipo e ao tempo dos relacionamentos afetivo-sexuais, descritas como “fase de casado”, “fase da galinhagem”, fase de “só ficar” ou só fazer sexo. Há também referências à fase inicial, caracterizada pelos momentos de descoberta e intensificação de ida aos lugares, seguidos de uma maior estabilização.

SEXUALIDADE e IDENTIDADE

Nos espaços homo foram identificados variações de estilos relacionadas: à assunção de uma performance de gênero; a postura corporal, ao vestuário, etc. O **universo masculino** foi caracterizado por contraposições entre masculinidade e feminilidade. Há referências aos corpos mais sarados (denominado de “machões”) e os mais magrinhos no caso (designados de “bichinhas”). Os que usam roupas mais justas são vistos como mais femininos. Os mais “masculinos” ficam apenas de calça ou bermuda (em geral são denominados de “sarados”, “barbies” ou “fortinhos”) ou adotam o estilo “boy” ou “moderninho”. Entre o **grupo de mulheres**, as “masculinas” foram associadas: ao cabelo curto, raspado ou preso, a corpos mais gordos, ao uso de tênis, bonés, mochilas e camisetas e calças largas ou bermudas. Os termos “Sapas bofinhos”, “caminhoneira” “Machonas”, são representativos desse estilo. Em oposição, às “femininas” foram relacionadas ao uso de mini-saias, tops curtos, camisetas decotadas ou “baby-look”, saltos altos, maquiagem, corpos mais magros ou torneados, em geral, delineados pelas roupas justas. As denominações “funkeiras” e “lady” foram correlacionadas a esses estilos.

No circuito homoerótico de Madureira também era comum o uso de lentes de contato coloridas e de cabelos alisados e pintados de loiro nas expressões das performances de gênero feminina entre os jovens de ambos os sexos. A manifestação de uma performance de gênero masculina (cabelo curto e corpo mais gordo) foi observada mais frequentemente entre “lésbicas” de pele mais escura. Interpretamos que as manipulações dos traços fenotípicos na performance feminina indicam uma positivação do polo branco, enquanto o estilo masculino, tipo “machona”, foi mais presente entre as lésbicas de pele mais escura, sugerindo a presença da cor articulada ao gênero na conformação dos estilos homoeróticos. Tais impressões podem apontar para a atualização das representações sociais acerca da associação entre pele escura, masculinidade e

virilidade, em contraposição à feminilidade, pela clara e passividade. Tais pistas poderão ser aprofundadas em trabalhos futuros.

As convenções de gênero também foram expressas nas visões e práticas dos jovens nos circuitos homoeróticos observados. Um dos aspectos marcantes observados na “Rua” de Madureira refere-se à forte liberalização sexual no tocante à exibição pública de contatos físicos eróticos (“pegação”) entre casais, principalmente entre gays masculinos. Converte com esse cenário, as ações de “caça” a múltiplos parceiros, desatrelados de envolvimento afetivo, assinaladas nos relatos de campo. Na boate Cine Ideal da Lapa, predomina um clima de dança, paquera e busca de parceiros múltiplos e a formação de casais é menos comum, apontando, à semelhança de Madureira, para relações mais efêmeras. Demais estudos sobre homoerotismo, principalmente masculina, já desenvolveram análises acerca locais e contextos específicos onde há uma intensa liberalização sexual (Bolton, 1995).

Diferente da percepção da forte liberalização sexual masculina, as visões sobre as expressões homoeróticas das mulheres na “Rua” foram registradas como mais limitadas a beijos e carícias corporais. Os relatos indicaram uma tendência à conjugação da sexualidade, proximidade e afeto e um maior controle dos desejos sexuais femininos. Tais diferenças foram ilustradas pela piada ouvida em Madureira: “O que um gay e uma lésbica levam para o segundo encontro? A lésbica as malas (sugerindo um compromisso), o gay nada, pois não tem o segundo encontro”. Os discursos dos informantes e entrevistados revelam que na caracterização do universo feminino há o predomínio da associação entre afeto, comprometimento e sexualidade. No universo dos homens prevalece o discurso do distanciamento entre sexo e sentimento e a valorização das parcerias múltiplas. Tal perspectiva também esteve presente nos depoimentos da Lapa. A percepção da diferenciação das experiências sociais de gênero como um das dimensões da vida social que informa as práticas sociais juvenis tem sido amplamente discutida pela literatura.

Nos depoimentos sobre as práticas sexuais dos entrevistados identificamos a reprodução da lógica hierárquica dos papéis sociais de gênero, na qual o/a passivo/a é aquele/a que assume o papel feminino no ato sexual e o ativo o masculino. Convergente com o modelo hierárquico de construção das identidades sexuais, descrito por Fry (1982) e retomado por Parker (1991), a definição da categoria ativo no universo masculino, segundo os informantes, foi associada àquele que faz a penetração no sexo anal e que “recebe” o sexo oral. Em contraposição o passivo é aquele que é penetrado e o que pratica (“faz”) o sexo oral. Alguns rapazes revelaram que não assumem o papel de passivo, pela ameaça simbólica desse ato na constituição de sua idéia de virilidade. No universo feminino a lógica permanece, mas de forma invertida pois atividade foi

relacionada a quem pratica (“faz”) o sexo oral e a passiva é a que “recebe”. Todavia, a idéia de uma combinação entre as performances sexuais ativa e passiva, denominada de “versátil” ou “participativa” foi recorrente nos relatos. Esta opção foi descrita como uma “troca justa”, negociada entre os parceiros e influenciada pelo grau de envolvimento afetivo. A noção de versatilidade pode ser interpretada como uma menor fixação dos papéis sexuais, confluindo com as reflexões sobre a maior permeabilidade das marcas identitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos espaços de sociabilidade há variações na circulação espacial dos jovens que dizem respeito às motivações para as interações afetivo-sexuais, aos modos de expressão das identidades sociais e às percepções sobre as localidades. Entre os jovens contatados em Madureira, em sua maioria das classes populares, as concepções de familiaridade e acolhimento parecem conformar uma valorização das relações de sociabilidade local que se opõe aos espaços da Zona Sul, no qual os freqüentadores são percebidos como mais impessoais e por vezes discriminatórios. Na Lapa, além de uma maior diversidade de público e de espaços, identificamos uma maior permeabilidade nas fronteiras dos territórios “hetero” e “gays”, pelo trânsito no amplo cardápio de locais de sociabilidade e pela não afirmação de um “reduto gay”, particularmente entre aqueles dos segmentos médios que circulam com menor frequência nas boates gays. Os cenários descritos sugerem a convivência entre diferentes categorias sexuais, semelhantes aos modelos hierárquicos e igualitários descritos por (Fry, 1982) e Guimarães (2004). Todavia, parecem não apagar demais marcadores sociais, como a classe, na medida em que foi observada uma maior distinção de gênero nos estilos e parcerias homoeróticas entre os jovens de menor poder aquisitivo, em contraste com uma maior indiferenciação entre aqueles da classe média, associada a uma tendência à não fixidez das classificações identitárias no que concerne à área da sexualidade.

Para Duarte (2005), o exercício da sexualidade, a partir das transformações de valores em direção à modernidade, se une a uma redefinição do ser humano como intrinsecamente ‘mutável’ e transformável’ a partir de uma relação com um mundo concebido como concreto e palpável. Nesta direção a afirmação de ‘satisfação’ e ‘prazer’ tornou-se um dos traços marcantes da denominada cultura ocidental que requalifica o “erotismo” como fonte específica de prazer. Tais representações correntes, presentes no estudo em questão, crescem na medida em que se impõe o ideário individualista de liberdade e autonomia. A análise realizada nos remete às reflexões sobre o espraio do ideário moderno nas experiências sexuais e de que modo são produzidas

conformações específicas entre os diversos segmentos sociais. *Grosso modo*, podemos dizer que no universo pesquisado coexistem valores hierárquicos e igualitários entre os grupos sociais, que podem ganhar uma interpretação diferenciada. Tal perspectiva se aproxima dos argumentos de Heilborn (1996) sobre a presença das distinções de gênero em contextos igualitários, a partir da investigação com casais heterossexuais e homossexuais (masculinos e femininos) de camadas médias. Segundo a autora, embora os casais postulem o igualitarismo, característico do individualismo, na conformação da unidade e da dinâmica conjugal, tais arranjos atualizam as marcas de distinção hierárquicas de gênero, afeitas ao ideário tradicional.

O universo juvenil caracteriza-se por diversas transições, dentre elas o aprendizado da sexualidade, perpassadas por um processo mais amplo de experimentação pessoal e de incorporação de valores entre parceiros, constituído pelos sistemas de normas e hierarquias sociais. Os achados sobre as interações homoeróticas juvenis urbanas sugerem permanências e mudanças nas distinções de gênero, bem como uma ampliação das experiências sexuais e uma tendência a menor fixidez das identidades sexuais. Tais constatações indicam as aproximações entre sexualidade e gênero e suas interfaces com demais marcadores sociais como classe e representações sobre cor/raça. Ademais estimulam uma discussão sobre as repercussões do atual contexto social e político caracterizado, dentre outros fatores, pela maior visibilidade do movimento GLBT na constituição das identidades sexuais.

Compreendemos que a análise do aprendizado da sexualidade e suas dimensões em contextos específicos são fundamentais para a identificação de potenciais situações de vulnerabilidade às DST/Aids no universo juvenil.

Referências bibliográficas

- CÁCERES, C. Mas allá del sida: La cuestión de la salud en las comunidades GLBT (Gay, Lesbianas, Bisexuales, Personas Transgénero) (p. 427-439). In: *Críticas e Atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde na América Latina*. Minayo MCS, Coimbra Jr. CEA, (Orgs). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- BOLTON, R Tricks, friends, and lovers. Erotic encounters in the field. In: *Taboo. Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (Kulick D. Willson M., orgs.) pp 140-167. London: Routledge, 1995.
- DUARTE, L *Ethos* privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN ML; DUARTE L; PEIXOTO, C; LINS M (Orgs.) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio e Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

FACHINNI, R; BARBOSA, R Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas. Promoção da equidade e da integralidade. Rede Feminista de Saúde. Rede Nacional Feminista de Saúde Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, 2006.

FOUCAULT, M., 1985. História da sexualidade A vontade de saber. RJ: Graal.

FRY, P., 1982. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para inglês ver Identidade Política na Cultura Brasileira, pp. 87-115, Rio de Janeiro: Zahar.

GUIMARÃES CD. O Homossexual visto por entendidos. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2004

HEILBORN, ML. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R & BARBOSA, R (Orgs.) Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 136-145.

LACOMBE, A. Pra homem já tô eu – masculinidades e socialização em um bar no centro do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2005.

MAIO, M; CHOR, D; MONTEIRO, S; FAERSTEIN, E; LOPES, C. Cor/raça no Estudo Pró-Saúde: resultados comparativos de dois métodos de autoclassificação no Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v.21, nº 01, pág. 171-180, 2005.

PARKER, R.. Corpos, Prazeres e Paixões. São Paulo: Best Seller, 1991

PERLONGHER N. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VELHO, G. Observando o familiar. In: Aventura Sociológica. (Edson Nunes,org.). Rio de Janeiro. Zahar, 1978